

Foi Palmares mesmo que você disse?

Was it really Palmares that you said?

Glória França¹

Mariana Cestari²

Rogério Modesto³

RESUMO

Neste texto, nosso objetivo é realizar a análise de discursos identificados com a extrema direita e seus modos de produzirem e fazerem circular práticas discursivas que reproduzem o discurso dominante do racismo. Para dar conta desse objetivo, voltamos nosso olhar para a Fundação Cultural Palmares. Esse olhar nos levou à montagem de um arquivo constituído a partir: i) do Relatório, produzido pela instituição, sobre o que chamam de “30 anos de dominação marxista” na Fundação; ii) da circulação no ambiente digital desse acontecimento e de outras notícias a ele associadas; e iii) do recorte de falas do atual presidente da Fundação Palmares, autointitulado “negro de direita”, e reproduutor de discursos conservadores, de direita e revisionistas. Nossos gestos de interpretação, efetuados a partir das noções de lugar de enunciação, porta-voz e memória, nos permitem identificar o funcionamento da deslocalização do sujeito enunciador que, por sua vez, produz um efeito de embaralhamento dos lugares enunciativos, oscilando entre o lugar institucional e o lugar pessoal/individual, entre o público e o privado. Trata-se de uma posição que tanto nega o racismo estrutural da formação social brasileira quanto o esvazia de sentido ao universalizá-lo.

Palavras-chave: *Racismo; Lugar de enunciação; Discursos da extrema direita.*

ABSTRACT

In this text, we aim to carry out the analysis of discourses identified with the extreme right-wing and their ways of producing and circulating discursive practices that reproduce the dominant discourse of racism. In order to achieve this objective, we guide our gaze to Palmares Cultural Foundation. This view led us to create an archive based on: i) the Report document, produced by the institution, about what they call “30 years of Marxist domination” at the Foundation; ii) the circulation in the digital environment of this and other related news; and iii) the clipping of speeches

1 Universidade Federal do Maranhão

2 Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

3 Universidade Estadual de Santa Cruz

by the current president of the Palmares Foundation, self-entitled “right-winged black man”, and reproducer of conservative, right-wing and revisionist discourses. Our interpretation gestures, accomplished as of notions such as enunciation place, spokesperson and discursive memory, enable us to identify the enunciating subject mislocated functioning, which produces a scrambling effect of enunciative places, and oscillating between the institutional place and a personal/individual place, and between the public and the private places. It is a position that both denies the structural racism of the Brazilian social formation and empties it of meaning by universalizing it.

Keywords: *Racism; Enunciation Place; Right-wing discourses.*

1 Introdução

Neste artigo, procuramos escutar discursivamente, no acontecimento sócio-histórico marcado pela proliferação de discursos e atos identificados com a extrema direita¹ ao redor do mundo, o embate direto travado com pautas caras aos movimentos feministas, antirracistas e LGB-TQI+. No Brasil, como sintoma do acontecimento citado, assistimos a Jair Bolsonaro, que neste momento ocupa o cargo de maior autoridade política do país, tripudiar sobre as conquistas democráticas das classes trabalhadoras e dos grupos historicamente subalternizados, além de desqualificar a todo momento seus ativistas. Neste quadro, parece-nos fundamental analisar as práticas discursivas da extrema direita que reproduzem o discurso dominante do

1 Ao utilizarmos o significante “extrema direita”, estamos nos referindo a um conjunto de práticas político-ideológicas que, de diferentes modos, constituem, formulam e fazem circular discursos e práticas pautadas em tendências anticomunistas, autoritárias, nacionalistas e nativistas. Para a extrema direita, há sempre um inimigo a combater que ameaça a nação; inimigos internos que, como veremos ao longo do texto, não estão alinhados aos valores da ordem conservadora que deveria caracterizar a nação (brasileira). Nesse sentido, o que estamos chamando de discurso de extrema direita tende a se confundir, no cenário atual brasileiro, com uma determinada onda conservadora, que corresponde a discursos que pregam uma proteção de valores tradicionais como a família e a religião (FIORIN, 2019).

racismo. Pensando nisso, ao longo deste texto, tentaremos sustentar que essa mirada discursiva deve, desde a Análise de Discurso materialista, pressupor e enfrentar como agenda teórico-metodológica a dimensão racializada e gendrada dos discursos em condições de produção marcadas pela colonialidade.

Nosso olhar volta-se, então, para a Fundação Cultural Palmares. Criada a partir da Lei Federal nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, a Fundação é uma instituição pública brasileira, vinculada originalmente ao extinto Ministério da Cultura. Segundo sua lei de criação, seu objetivo seria “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos da influência negra na formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

Historicamente associada às lutas dos movimentos negros, a Fundação Palmares tem se envolvido em constantes polêmicas, com sua direção negando pautas como as políticas afirmativas, especialmente as cotas raciais, e questionando seus símbolos, a exemplo do concurso para substituição do machado de Xangô (orixá da justiça) como logomarca da Fundação². Muito recentemente, os jornais da grande mídia circularam a notícia de que até mesmo o nome da fundação, que traz à memória Zumbi dos Palmares e seu quilombo, poderia ser trocado em favor do nome da Princesa Isabel, responsável pela assinatura da Lei Áurea de 1888³. Estamos diante, assim, de uma direção que, dentre outros aspectos, questiona símbolos de resistência negra a partir de uma posição institucional que tenta restituir uma narrativa conservadora para a qual a “benevolência política” dos governantes imperiais brasileiros foi mais importante para a história negra-brasileira do que os gestos de revolta e rebeldia que expunham as mazelas vividas pelos negros e negras.

Frente a essas condições de produção, uma pergunta que motiva a escrita deste texto é: seria ainda possível compreender a Fundação Palmares como porta-voz da afro-brasildade? Ou ainda: para qual afro-brasildade esta instituição pode ser projetada como porta-voz, pensado enquanto um lugar de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 1999)? Da perspectiva que adotamos, se, de fato, a Fundação Palmares é projetada politicamente para funcionar como um porta-voz da afro-brasildade, um “centro visível de um ‘nós’”, em sua “dupla visibilidade (falar diante dos seus e parlamentar com os adversários)”, como nos alerta Pêcheux (1990, p. 17), perguntas incômodas se colocam frente a esse cenário e tensionam as relações de sentido entre “negros” e “brasileiros”. Afinal: qual nós? Qual afro-brasildade? Qual Palmares? Qual Brasil? Estamos mesmo falando de uma Palmares?

2 A justificativa para a promoção do concurso para uma nova logomarca era de que havia um componente religioso no logo e que seria importante uma marca que unisse a todos. Interessa-nos assinalar um jogo cínico do governo: enquanto um símbolo associado às religiões de matrizes africanas é atacado, a catequização de indígenas é favorecida com a eleição de um pastor para a Coordenação-Geral de Índios Isolados e Recém-Contatados da FUNAI. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/governo-nomeia-missionario-para-chefiar-setor-de-indios-isolados-dw/>>. Acesso em 16 mar. 2022.

3 Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/camargo-quer-mudar-nome-da-fundacao-palmares-para-isabel/>>. Acesso em 17 mar. 2022.

Essas perguntas nos permitem discutir, por exemplo, a tensão discursiva instaurada entre *brasileiros* e *negros* (com a negação de *afro-brasileiros*) nos dizeres do lugar institucional da Fundação Palmares, o que nos remete a uma operação de universalização abstrata (de negação das diferenças) que Fiorin (2019) caracteriza como típica do discurso da extrema direita. Trata-se de um nacionalismo fundado em uma axiologia simplista, que trava uma luta entre bem e mal, e que produz uma coletividade indivisa (apagando as contradições internas) ao mesmo tempo que funciona não na oposição espacial entre nacional e estrangeiro, mas no estabelecimento de inimigos internos, “que são os que não comungam dos valores conservadores que caracterizam a nação brasileira” (FIORIN, 2019, p.374).

Interessa-nos, assim, “refletir sobre esses processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores” (PÊCHEUX, 2011, p. 118) em que o lugar de enunciação do porta-voz se constitui pelo antagonismo àqueles para os quais esse porta-voz deveria (historicamente) representar. Diante de nosso objeto de análise, buscamos compreender como a deslocalização do sujeito enunciador faz funcionar um determinado registro de discursividade da extrema direita no quadro dos dispositivos de enunciação política no Brasil atual (ZOPPI-FONTANA, 2020), com destaque para o funcionamento discursivo das redes sociais como tecnologias de linguagem.

Para tanto, abordamos nos tópicos a seguir os modos de produção e formulação de um Relatório da Fundação Palmares, e especialmente os seus modos de circulação no digital⁴, ambiente no qual percebemos a regularidade discursiva de uma posição-sujeito que se projeta na enunciação de modo deslocalizado, produzindo um efeito que estamos chamando de embaralhamento de lugares enunciativos. Debatemos ainda o modo pelo qual se projeta uma determinada discursividade de direita reproduutora de discursos racistas nas materialidades que descrevemos em nossos gestos de análises. Por fim, nos detemos em torno das noções de porta-voz e de lugares de enunciação para analisar as projeções de discursos que, ao negar o racismo estrutural da formação social brasileira, tentam reescrever uma memória da colonização e da escravidão.

4 Concebemos o digital a partir da noção de ambiente digital, trabalhada em análise de discurso, por França (2016) e por Paveau (2015), que, por sua vez, pensam as produções discursivas nesse ambiente de um modo não-dualista em relação ao ambiente impresso e ao mundo off-line; assim, entendemos o digital não como um mero suporte nem como um fora do mundo “real”, mas em uma relação imbricada e intrínseca com as trocas do mundo off-line, além de considerarmos os diferentes elementos nativos da web (os IDs das contas, as imagens, os botões de compartilhamento, as reações, o número de curtidas e comentários, dentre outros) como produtores dos sentidos que neles se projetam e partícipes dos gestos de análise.

2 O digital na deslocalização do sujeito enunciador e na reprodução do racismo

Conforme anunciamos na introdução a este texto, nosso material norteador será um Relatório produzido pela Fundação Palmares que, num gesto de censura, tenta produzir uma espécie de denúncia de um acervo bibliográfico criado em gestões anteriores da Fundação no qual se daria uma suposta dominação esquerdistas-marxista. Ao nos debruçarmos sobre esse material, vimos a necessidade de o relacionarmos com outros materiais vindos do digital dentro do universo relativo à Fundação Palmares. Esses materiais constituem, como discutiremos no decorrer do texto, um arquivo da extrema direita cujas características fundamentais são o antagonismo que produz inimigos imaginários e a imbricação de diferentes posições que deslocalizam⁵ o sujeito enunciador entre o institucional e o particular, o público e o privado.

A construção desse arquivo nos levou a focalizar mais diretamente o digital e a deslocalização do sujeito, numa tentativa de expor à opacidade o embaralhamento de posições entre o particular e o institucional, considerando, também, que, por meio desse embaralhamento, posições violentas, agressivas e desrespeitosas (características do líder e dos apoiadores da extrema direita), se comparecem em abundância nos perfis particulares, no espaço institucional já não aparecem de modo explícito. Nesse espaço de posições, o discurso de extrema direita encarnado na Fundação Palmares e nos seus atuais gestores trava embate com o discurso fundador do movimento negro e sua memória.

É justamente esse direcionamento analítico que nos permitirá tratar da questão do porta-voz na sua relação com a memória e com os lugares de enunciação. Se identificamos, em nosso gesto de análise, um embate com o movimento negro e sua memória, perguntamo-nos, tal como nosso título prenuncia, se é possível que se fale mesmo em “Palmares”, face ao questionamento da extrema direita em relação aos sentidos de Palmares e de seu líder Zumbi que o movimento negro visou circular e que vinham encontrando espaço de identificação com a história da Fundação até chegarmos a sua gestão atual.

Antes de apresentarmos o gesto de análise, é importante que passemos por algumas considerações teóricas em torno do digital, da deslocalização do sujeito enunciador, dos lugares de enunciação e do porta-voz. É sobre essas questões que refletiremos a seguir.

⁵ Nos referimos à “deslocalização do sujeito enunciador”, formulação de Pêcheux na Abertura do Colóquio Materialidades Discursivas, a partir do gesto de leitura de Zoppi-Fontana (2020) em relação à fala pública e aos enunciados políticos na contemporaneidade, conforme apresentaremos mais adiante.

2.1 Lugar de enunciação: do porta-voz aos discursos racistas

Zoppi-Fontana (2019, 2020) tem refletido sobre uma desregularização dos rituais enunciativos que configuram a fala pública, por efeito do desdobramento e sobreposição das instâncias autorizadas e não-autorizadas que fazem circular os enunciados políticos, produzindo um desregramento sistemático dos regimes de verdade e legitimação dos sentidos. Nesse processo, retomando o que propõe Silveira (2015) sobre o *discurso ordinário no digital*, a autora identifica a “sobreposição do ordinário do digital com o institucional”, transbordando:

[...] os limites confusos e instáveis entre uma fala pública e uma fala privada, uma fala institucional e uma fala individual, uma declaração oficial e uma opinião pessoal, o comunicado de uma decisão definitiva ou de uma tentativa provisória [...] A atual circulação da palavra política coloca para a mídia especializada e para a população atenta questões de difícil resposta: quem diz, a partir de que lugar, ocupando qual posição, com qual teor? (ZOPPI-FONTANA, 2019, s/p)

A autora em trabalho posterior afirma que estaríamos diante do deslocamento de limites e fronteiras tradicionalmente vigentes para a enunciação política, que tem como efeito o embaralhamento de lugares de enunciação e de regimes de verdade a eles associados, constituindo uma nova forma de enunciação política. Em um jogo com os rituais enunciativos dos aparelhos de Estado, são traços presentes nas práticas discursivas atuais: “a volatilidade e descentralização da enunciação política, a não mediação da fala pública, o esvaziamento dos discursos de poder, sua circulação simultânea como enunciação anônima, institucional e individual” (ZOPPI-FONTANA, 2020, p.36).

Mobilizados por essas reflexões, e imbuídos em analisar como a discursividade da extrema direita tensiona, pelo antagonismo de uma posição discursiva *institucional-individual-público-privada* que deslocaliza o sujeito enunciador, pautas sociais que atravessam as lutas políticas dos (movimentos) negros brasileiros, nós nos debruçamos sobre um material que se organiza em torno da Fundação Palmares de diferentes modos. Em nosso material de análise, encontramos os limites confusos e instáveis a que se refere Zoppi-Fontana (2019, s/p) que produzem uma tensão entre diferentes posições, constituindo um antagonismo severo que, por sua vez, parece funcionar para construir um “estado de indignação” entre os que se identificam com as posições articuladas à extrema direita, para que “se comprovem” as “mazelas” e “depravações” da posição contrária. Trata-se de um funcionamento em

“conformidade com a lógica do espetáculo que vigora em nossa mídia” (PIOVEZANI, GENTILE, 2020, p.152), que premia essas posturas com a “vitrine midiática” (PIOVEZANI, GENTILE, 2020, p.173).

Essa tensão atualiza, portanto, as lutas ideológicas que constituíram a própria Fundação Palmares como lugar de enunciação contra processos históricos de silenciamento de negros e negras como coletivo de identificação, posicionando-a como porta-voz de uma afro-brasilidade na relação com determinadas memórias. Essa compreensão permite mobilizar a noção de lugar de enunciação como dimensão das posições-sujeito em uma “reflexão sobre a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos de produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade” (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 16).

Recorremos a esse conceito para pensar as tensões em torno dos dizeres da Fundação Palmares que se projeta enquanto identificando-se com a “valorização do negro como parte inseparável do povo brasileiro” (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2021, p. 06) ao mesmo tempo em que se dirige às “pessoas de bem” e ao “cidadão brasileiro”, expressões que extraímos do relatório “Retrato do Acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares (2021). Na projeção imaginária dos lugares enunciativos, ao afirmar “somos um só povo”, inscreve-se em uma posição que rechaça um lugar de enunciação considerado divisionista do “nós, brasileiros”.

Desse modo, analisamos o funcionamento discursivo do porta-voz, que fala para os seus (“todas as pessoas de bem”, definidas pelo “esforço” e “honestidade”), enquanto institui um outro inimigo (“militante, “delinquente”, “depravado”, “revolucionário”) como aquele que ameaça a família e a unidade do povo brasileiro, “sob o pretexto de defender o negro”. Ou seja, esses últimos encarnam “o mal” em um confronto com “o bem”, dado que na discursividade da extrema direita haveria “um movimento global de aniquilação da civilização ocidental e seus valores cristãos e de sua substituição por valores, como feminismo, multiculturalismo, direitos dos gays e ateísmo” (FIORIN, 2019, p.374). Assim, o discurso da extrema direita produz identificações a partir do estabelecimento de um inimigo interno em uma “guerra cultural”.

Estamos diante daquilo que Pêcheux (2011) denominou lutas de deslocamento ideológico,

que não colocam em oposição classes, ‘interesses’ ou determinadas posições prévias, mas que tratam da reprodução/transformulação das relações de classe. Trata-se de uma série de choques, que questionam a definição e fronteira do ‘discurso político’, na medida em que elas se baseiam nos processos através dos quais o

domínio/exploração (no campo da sexualidade, da vida privada, do ambiente, da educação etc...) capitalista se reproduz, na medida em que ela se adapta, transforma e reorganiza. Pois ‘reprodução’ nunca significou ‘repetição do mesmo’ (PÊCHEUX, 2011, p.114-115).

E nesse quadro de “relações de forças móveis, em transformações confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis” (PÊCHEUX, 2011, p.115) que se dão as lutas por lugares de enunciação e por sentidos de objetos paradoxais, que são contraditórios e ambíguos, como é o caso de “negros”, em seus sentidos divididos pelas lutas ideológicas. Com a designação de gestores identificados com a discursividade de extrema direita, na deslocalização do sujeito enunciador nas redes sociais, a Fundação Palmares participa dessas lutas ideológicas e reproduz discursos racistas, como sustentaremos em nossas análises.

O discurso racista atualizado e incorporado pela Fundação Palmares ainda carrega o ardil de reproduzir uma posição dominante desde vozes-corpos negros, o que produz efeitos se assumimos que os lugares de enunciação produzem força performativa e argumentativa ao articular imaginários em torno dos corpos racializados⁶. Isso repõe a urgência das reflexões propostas, cada um a seu modo, por Frantz Fanon sobre a identificação entre dominador e dominado, por Lélia Gonzalez sobre os motivos dessa identificação e os modos como se dá⁷ e por Pêcheux, sobre os processos de reprodução/transformação da ideologia dominante em sua relação com a constituição de sujeitos do discurso na interpelação ideológica, que nós aqui consideramos em sua dimensão sempre já gendrada e racializada⁸.

Gostaríamos de retomar a partir de Pêcheux (2009) dois aspectos caros a quem se inscreve teoricamente na AD materialista e considera “o fato de que as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas” (p.130): i) é impossível atribuir a cada classe sua ideologia (p.130) (e nós completamos, a cada grupo social em suas determinações imbricadas de classe-raça-gênero) e ii) “é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna dominante”, sendo que esses aparelhos são lugar de “palco de dura e ininterrupta luta de classes”⁹ (e nós completamos, de lutas de classes gendradas e racializadas).

6 Essa consideração procura dar consequência tanto às reflexões sobre o corpo na sua materialidade simbólica e histórica quanto à proposição de que a enunciação projeta imaginariamente um corpo e desse processo retira a legitimidade do dizer. Dito de outra forma, nas práticas enunciativas são projetadas perguntas como “qual posição você ocupa na divisão social racializada e gendrada da enunciação?” (CESTARI, 2017, p.193).

7 Em sua empreitada para discutir os porquês da identificação com o discurso dominante e para discutir o duplo fenômeno do racismo e do sexism, Lélia Gonzalez pergunta: “o que foi que aconteceu para que o mito da democracia racial tenha tido tanta aceitação e divulgação? Quais teriam sido os processos que teriam determinado sua construção?” (GONZALEZ, 2020, p.76).

8 Cf. Zoppi-Fontana, Ferrari (2017) e Modesto (2018, 2021).

9 As aspas são empregadas pelo Pêcheux para referir-se a passagens do texto “Aparelhos ideológicos de Estado”, de Louis Althusser.

3 Efeitos de embaralhamento de lugares de enunciação no digital

Como dissemos anteriormente, elegemos como material principal de análise o Relatório Público da Fundação Palmares intitulado “Retrato do Acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares (2021)”¹⁰ e o relacionamos a outros dizeres no digital. Essa relação com o digital parece-nos fundamental para a análise do funcionamento dessa discursividade: o próprio Relatório (cuja forma de apresentação parece ter um efeito de texto escrito/impresso) é um documento que circula no espaço digital, a partir do site oficial da Fundação, mas principalmente por meio das redes sociais, como Twitter e Instagram, em que a sumariedade da forma material (poucos caracteres, brevidade de aparecimento no *feed* dos usuários, rapidez no compartilhamento, etc.) deforma os sentidos.

Embora seja um texto institucional e um documento oficial, o Relatório não aparenta ter passado pelo mesmo processo editorial que pode ser identificado em outros documentos como relatórios, cartilhas e diretrizes vinculados a, por exemplo, Ministérios da Saúde e Educação. Um exemplo sintomático disso é o fato do Relatório não apresentar ficha catalográfica ou contracapa na qual se apresente a composição do Governo Federal (com a indicação do presidente da república e gestores dos demais órgãos e pastas superiores à Fundação Palmares, como de costume em documentos oficiais dessa ordem). Um fato que também chama atenção, e que exploraremos adiante, diz respeito à capa do Relatório: ela não segue critérios formais de apresentação, sendo composta por uma colagem de livros ditos “perigosos” e que estão sendo denunciados para que o “cidadão de bem” veja a “dominação esquerdistas”. Trata-se, assim, de um documento com pouco apego às formas institucionais e às normas técnicas de apresentação, que parece ter sido produzido desse jeito para que seja um documento capaz de se adequar à circulação digital e seja apto a “viralizar” nas redes sociais (seja por sua apresentação e estrutura menos formais, seja pelo seu tom combativo que convoca os sujeitos identificados com posições conservadoras a se indignarem).

O batimento entre descrição e interpretação nos permite devolver à opacidade aquilo que se apresenta como evidente. Em primeiro plano, cabe-nos salientar os motivos que justificariam a elaboração do documento em pauta. De acordo com a Fundação Palmares, a escrita do Relatório tem o intento de justificar a exclusão de centenas de livros da biblioteca da Fundação, que comporiam “um acervo contrário às finalidades da Instituição” (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2021, p. 5) e promoveriam “sexualização de crianças, ideologia de gênero, pornografia e erotismo,

¹⁰ Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/cnirc01_liminar_v2_08_07.pdf>. Acesso em 17 mar. 2022.

guerrilha, greve, revolução, bandidolatria e outras bizarrias” (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2021, p. 26). Ao passo que o racismo é um não-dito no documento (até mesmo porque é negado em sua existência por parte expressiva do governo), esta lista textualiza um discurso do Estado sobre a multiplicidade humana redundando em corpos individuais que devem ser vigiados.

(In)equivocamente, podemos dizer que o Relatório elaborado pela Fundação Cultural Palmares funciona como um arquivo da direita conservadora, pois articula diferentes discursividades, sempre sobre determinadas pelo o que o espectro político da extrema direita consegue afirmar, mas também negar, silenciar, parafrasear, parodiar etc., acerca da luta de classes e da resistência de gênero-classe-raça. Essas discursividades tomam diferentes formas textuais no arquivo, pondo em circulação diferentes materialidades, articulando, por sua sobre determinação, “discursos racializados” (MODESTO, 2021) e “discursos classistas racializados de gênero” (CESTARI, 2017, p. 183) ao negar o racismo e a própria legitimidade das pautas dos movimentos negros, dos feminismos negros, das ações afirmativas.

Feita essa descrição do Relatório, vamos às redes sociais, tomando como ponto de partida o perfil do Instagram de Sérgio Camargo, atual presidente da Fundação, por nomeação de Jair Bolsonaro. Na descrição de seu perfil de figura pública nessa rede social, Sérgio Camargo se orgulha de ser predicado como “negro de direita”, “antivitimista”, “livre” e “inimigo do politicamente correto”, reivindicando para si o papel de antagonista direto das pautas sociais dos movimentos negros ao opor-se à alegada “divisão dos brasileiros em grupos raciais” e à ideia de que o “negro brasileiro é afrodescendente”, afirmando “somos descendentes de brasileiros” ou ainda “somos um só povo”, formulações que comparecem com frequência em postagens de seu perfil, que são reproduzidas também no Relatório sobre o qual nos debruçamos aqui e ainda aparecem no Instagram da Fundação Palmares, como veremos mais adiante¹¹.

96

Figura 1: Perfil público na rede Instagram do Presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo



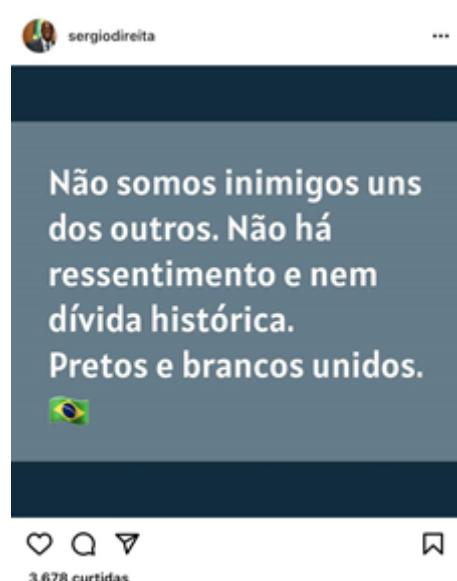
Fonte: <https://www.instagram.com/sergiodireita/>. Acesso em 17 mar. 2022.

¹¹ Essa montagem de arquivo busca sustentar nossa leitura de que a deslocalização do sujeito enunciador é marcada pela tensão público-privado que no digital confunde perfis particulares e institucionais e o que se pode/deve dizer em cada um deles. Essa tensão se reproduz no funcionamento do porta-voz que rompe/desrespeita a instituição, falando ao mesmo tempo em seu próprio nome e como representante da instituição.

FRANÇA, G.
CESTARI, M.
MODESTO, R.
*Foi Palmares
mesmo que você
disse?*

Em outras palavras, as fronteiras entre o institucional e o pessoal ou ainda entre o público e o privado são embaralhadas – não são definidas a priori, já que constituem “os lugares de dizer e de enunciar que parecem vacilar no discurso político contemporâneo, atravessado pelo digital” (FRANÇA; CESTARI; CHAVES, 2019, p.232). Como exemplo desse embaralhamento, em uma de suas publicações de março de 2022, Camargo posiciona-se contra a imaginada “divisão racial dos brasileiros”. A postagem, que reproduzimos a seguir, não vem acompanhada de nenhuma legenda que contextualize o post, mas os comentários de seus seguidores denotam que o conteúdo é uma crítica “justa” ao sistema de cotas, tendo em vista a afirmativa de que não há uma dívida histórica relacionada aos negros brasileiros.

Figura 2: Postagem do perfil público do Instagram do Presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo



97

Fonte: https://www.instagram.com/p/CbApCpnL_Ss/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 17 mar. 2022.

Esse posicionamento, que bem poderia ser a marca singular de um sujeito de direita, uma “opinião pessoal e particular”, comparece, no entanto, de igual modo no Relatório da Fundação Palmares. Nas “Diretrizes da Instituição” que figuram no documento, é possível lermos o seguinte:

SD1:

As Diretrizes da Instituição

As quatro palavras-chaves que devem nortear a Fundação Cultural Palmares, conforme seu Regimento Interno e a própria Lei Federal que a gerou, são:

“Preservação” (da cultura negra em todos os seus aspectos); “Integração” (do negro e de sua cultura à sociedade brasileira);

“Produção” (de cultura de matriz negra);

“Divulgação” (da cultura e das produções negras).

Ocorre que desde seu surgimento em 1988 e até 2019, a Palmares ignorou completamente o que manda a lei, substituindo as quatro palavras-chaves originais por estas:

“Divisão racial” (incentivo ao negro para viver apartado dos brasileiros brancos);

“Luta” (entendendo a missão da Palmares como uma guerra constante contra todos os brancos);

“Guerrilha” (entendendo os métodos marxistas e revolucionários como caminhos aceitáveis e necessários);

“Resistência” (colocando a problemática negra como um infundável resistir contra os brancos).

Essas palavras de ordem foram inseridas na Fundação e em suas produções culturais por gestões dominadas por um pensamento revolucionário flagrantemente contrário à razão de ser da Instituição. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2021, p. 11)

Sem apresentar qualquer possível evidência da alegada substituição de diretrizes da Fundação, o Relatório retoma a ideia de que, no lugar de uma legítima luta por direitos e reparação histórica dos efeitos da escravidão e do racismo na formação social brasileira, o que há em curso no Brasil é uma “divisão racial”, por meio de “luta”, “guerrilha” e “resistência”, promovida pelos movimentos negros tutelados pela Fundação Palmares - algo que é dito encontrar fim na atual gestão da instituição. As práticas dos movimentos negros e, por conseguinte, das gestões anteriores da Fundação são lidas como “ressentimento” (conforme sinaliza o post no Instagram) e como “pensamento revolucionário”¹² (e aqui vemos funcionar um efeito de sentido que articula revolução à desunião, separação, desigualdade, desestabilização do “harmônico”) e, desse modo, provocador de uma guerra racial na “nação”.

Os dizeres do institucional e do particular se misturam e se sustentam na projeção de um inimigo que separa a nação. Um inimigo que deve ser combatido a todo custo, um inimigo interno. O discurso não é relativizado e não considera as pautas de seu outro como legítimas. Dessa posição, o outro a ser combatido é um perigoso revolucionário e ressentido. Além disso, pode agir na institucionalidade desrespeitando a lei e transformando os sentidos das palavras no discurso jurídico.

12 Ao se falar em “pensamento revolucionário”, é possível considerarmos uma memória da revolução em sua relação com a subversão e, por conseguinte, com a “esquerda”. Essa é uma questão que merece um desdobramento maior em outro texto.

No material em análise, não podemos deixar de mencionar que o argumento só pode se sustentar pelo apagamento da memória do movimento negro e das condições de produção do próprio documento mencionado no Relatório: a da criação da Fundação Palmares em 1988, no âmago das lutas para a inclusão de reivindicações sociais na Constituinte e de protestos e debates pela ocasião do centenário da Abolição da Escravidão no Brasil. Ou seja, do apagamento da movimentação de setores do movimento negro que demandavam um órgão no Estado designado para tratar de suas demandas.

Nessa perspectiva, há uma regularidade entre as posições lidas no perfil de Sérgio Camargo e aquelas divulgadas nos canais institucionais da Fundação Palmares (seu site e seu perfil no Instagram) e, também, no Relatório aqui analisado. Porém, algo da postura do líder da extrema direita (e de membros dos seus governos ou mesmo de apoiadores) não comparece de mesmo modo em postagens institucionais. Referimo-nos ao que descreve Piovezani na introdução de seu livro em coautoria com Emile Gentile sobre “A linguagem fascista”: a imagem do líder como interlocutor próximo do povo, espontâneo e – em sua franqueza acima e contra o “politicamente correto” – agressivo, autoritário e desrespeitoso em falas insufladas de controvérsias de modo que “a diferença reduzida a medo, repulsa e chacota, e o diálogo, a ódio, violência e extermínio” (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, p.15)¹³.

Nas postagens institucionais, é mais comum o funcionamento da evidência daquilo que ameaça/afronta o moralmente aceito no senso comum – a luta, a guerrilha, a resistência, a divisão racial ou o que pode ser mostrado por capas de livros e seus títulos sugestivos, como podemos ver na capa do Relatório, um mosaico de outras capas.

13 No perfil de figura pública de Sérgio Camargo no Instagram (@sergiodireita) e no Twitter (@camargodireita), encontramos afirmações com tom violento e jocoso, de ridicularização e afronta a quem se posiciona de forma antagônica, como no “Cala a boca, afromimizento” que deriva de um discussão entre Carmargo e seguidores no Twitter (Disponível em <https://twitter.com/CamargoDireita/status/1493330344300494852?s=20&t=nYlgKbGpQtw_GBC916qZYw>). Acesso em 23 mar. 2022) ou no post do Instagram em que pergunta se “Café preto já virou café afrodescendente?” (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbKr3IgLxuG/?utm_medium=copy_link>). Acesso em 23 de mar 2022.)

Figura 4: Capa do Relatório sobre o Acervo de livros da Fundação Palmares



Fonte: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/cnirc01_liminar_v2_08_07.pdf>. Acesso em 09 set. 2021.

Nessa capa, fotografias de livros envelhecidos, textualizando livros antigos, produzem uma relação de paráfrase com o recorte anterior do Relatório, de um passado da Fundação Palmares em desacordo com o previsto por lei para esse órgão. O funcionamento da paráfrase vale-se da repetição de termos como “revolução”, “bandidos”, “guerrilha”, também de nomes próprios associados à esquerda, como os nomes de Marx, Lênin e Stálin e de imagens de punhos em riste significando a “luta”. Na reprodução da capa do livro “Porcos com asas – diário sexo-político entre dois adolescentes” temos elementos que já foram de outro modo antes combinados em fake news (e aqui aludimos às notícias falsas em torno do então denominado “kit gay”¹⁴): adolescentes(-anjos) incitados ao sexo por quem empunha bandeiras vermelhas, em uma possível leitura da capa desde um lugar de interpretação identificado com a extrema direita.

Essa capa do Relatório exposto no site institucional teve uma versão reproduzida no Instagram da Fundação, em referência à notícia sobre sua publicação. É no/peço digital que se materializa um retrato dos livros do acervo da Fundação, um modo de mostrá-los às “pessoas de bem”, que,

14 No período eleitoral em 2018, circularam notícias falsas sobre a adoção pelo Ministério da Educação de um livro chamado “Aparelho Sexual e Cia”, que faria parte de um suposto “kit gay”, distribuído para crianças na gestão de Fernando Haddad. O Tribunal Superior Eleitoral confirmou a falsidade da notícia e exigiu sua retirada das redes, porém isso não impediu a circulação de formulações que significam comunistas/esquerda como incentivadores de crianças e adolescentes à sexualidade precoce.

confrontadas com um “acervo defasado e brutalmente parcial”, “ficarão chocadas”. Destacamos aqui a força do “choque”, do “espanto” com o até então desconhecido que, quando é mostrado, faz-se retrato em um gesto que o transforma em ameaça, o que justifica que deva ser excluído, censurado.

Esse funcionamento da *mostraçāo para provocar espanto/choque* ou ainda de uma *narrativização imaginária e alardeante* nos discursos conservadores é objeto de análise em artigo sobre os modos como o sexo é discursivizado na contemporaneidade, concluindo que “o escândalo é o olhar (do homem de bem)” (FRANÇA; CESTARI; CHAVES, 2019, p.229). Parece-nos que aqui há funcionamento similar ao que as autoras trabalham como efeito de clareza, justificado por um dever moral: o acervo da Fundação Palmares é exposto ao “cidadão de bem” para que ele tome conhecimento de uma verdade que causa repulsa e que precisa ser alterada por aquele que (d)enuncia, que narra um acontecimento até então desconhecido por seu interlocutor.

Outro texto que nos parece materialização desse efeito de embaralhamento entre os lugares institucional e pessoal, pelo funcionamento do digital, é a “matéria do site” a seguir. Apesar de publicada na seção de notícias do site da Fundação Palmares em fevereiro de 2022, o texto traz elementos formais da notícia jornalística (com título e subtítulo) e de uma postagem nativa das redes sociais (um card que reproduz uma postagem do Instagram do perfil @falandoderacismo e se posiciona sobre ela). O texto do posicionamento é ainda duplicado abaixo do card e assinado com “por Fundação Cultural Palmares”, redundância que significa a “instabilidade” ou ainda flagra a transformação em movimento dos modos de inscrição do político no digital. Deve-se destacar que o objeto da declaração é uma “campanha nas redes sociais”, o que demarca a rede como lugar de disputa dos sentidos e de tensão ideológica. O fato de tomar discursos formulados e em circulação nas redes e repostá-los desde uma posição sujeito antagonista é recorrente no digital – o que nos parece um funcionamento a ser remarcado é que esse gesto se faça também desde veículos oficiais dos órgãos do Estado (e não de perfis pessoais ou de iniciativas de grupos ou de movimentos sociais), que convoca o leitor a replicação online: “Compartilhe esta história, escolha sua plataforma!”.

Figura 3: Matéria do site da Fundação Palmares



A Fundação Cultural Palmares repudia e lamenta profundamente a campanha racista que está circulando nas redes sociais, a qual visa dividir os brasileiros e fomentar o ódio racial. Racismo é racismo, não importa a cor de quem está incentivando essa prática abominável.

Por Fundação Cultural Palmares

Fonte: <https://www.palmares.gov.br/?p=60405>. Acesso em 17 mar. 2022.

O caráter oficial da declaração é assegurado pela Fundação Palmares como responsável pelo dizer (“A Fundação Cultural Palmares”) que também a assina com sua logomarca (com as cores da bandeira do Brasil, remetendo ao nacionalismo e aos brasileiros)¹⁵. Aqui adentramos um pouco mais na análise da tensão ideológica entre negros e brasileiros, sendo que “branco” aparece no discurso do outro (o dizer reportado) e, de forma contraditória, explicita um antagonismo que não aparecerá constantemente nos dizeres da Fundação, justamente porque ele é negado – o de brancos contra negros. Ao se negar a posição dos brancos como sujeitos do racismo (ou ao menos como privilegiados pela branquitude e pelo silêncio do racismo em relação àqueles que o perpetuam), reforça-se o “racismo à brasileira” ou “racismo sem racistas” ao mesmo tempo em que se afirma que qualquer um pode ser racista, não importando a cor de pele, e que racistas são os esquerdistas.

Ou seja, ao contestar a afirmação “Todo branco é racista”, na posição em que se inscreve a Fundação Palmares, é estabelecida uma relação de paráfrase entre “ódio racial”, “racismo” e “prática abominável”, de modo a significar o racismo como fenômeno universalizado, esvaziado de sentidos históricos e legado a práticas individuais. Voltamos à tópica do povo sem divisões por cores em embate com a posição dos movimentos negros de que o racismo estrutural divide socialmente brancos e negros de forma articulada à divisão de classes (portanto, a partir de relações de poder, o que impede a

¹⁵ Trata-se da logomarca que substitui aquela que fazia referência ao martelo de Xangô, conforme dissemos na introdução deste texto. Disponível em <<https://www.palmares.gov.br/?p=59903>>. Acesso em 19 mar. 2022.

falsa simetria entre brancos e negros), reforçando a contradição de ser líder da Fundação Palmares alguém que nega o racismo como fenômeno sistêmico e a afro-brasileiridade enquanto diferença.

4 Que Palmares para qual Brasil?: lugar de enunciação, porta-voz e memória

A partir dessas análises e das considerações teóricas sobre os funcionamentos do discurso da extrema direita, procuramos, então, dar consequência à ideia da Fundação Palmares como lugar de enunciação que reinterpreta os discursos fundadores da brasileiridade e do movimento negro. O próprio nome da Fundação Palmares remete aos discursos fundadores da afirmação do negro no Brasil, que se dá no embate com discursos sobre a brasileiridade. Segundo Souza (1993, p.59), em artigo que analisa o Manifesto do Dia Nacional da Consciência Negra (1978) como acontecimento discursivo, temos o embate entre “o escravo significado como passivo diante do domínio dos senhores brancos” e “o negro como agente ativo que se rebela contra o escravismo”. Portanto, como discurso de reação, como condição de possibilidade para a afirmação de uma subjetividade negra no Brasil, elege-se o episódio das lutas de Palmares, buscando “alçar Palmares e Zumbi do plano da lenda para o lugar do efeito-verdade ainda não inscrito na história oficial” (SOUZA, 1993, p.60). Nessa narrativa, Palmares é uma experiência na história, é um lugar geográfico, é uma utopia.

Nas palavras de Lélia Gonzalez, ao morrer, Zumbi continuou vivo na consciência de seu povo e também na dos oponentes desse povo, sendo que os sentidos de Palmares e de seu maior líder são divididos por esse antagonismo:

103

No primeiro caso, [Palmares] transformou-se em símbolo da resistência e da luta por uma sociedade alternativa, onde negros, índios e brancos fossem considerados a partir daí que os torna iguais – sua humanidade – e organizados a partir dos critérios democráticos com a justa distribuição do seu trabalho. E não há dúvida de que Palmares foi a primeira tentativa de criação dessa sociedade democrática, onde existiu uma efetiva democracia racial. Por aí se pode compreender porque os movimentos negros tiveram nela e em Zumbi a garantia histórica e simbólica de suas reivindicações [...] No segundo caso, ele personificou a ameaça da perda de privilégios de raça e classe, sempre presente e perigosa para o dominador. (GONZALEZ, 2020, p.197)

Nessas lutas, “negro de direita” constitui uma relação de paráfrase com “cidadão de bem” enquanto “afro-brasileiro” relaciona-se ao militante de esquerda (e não seria possível ser “negro de esquerda”?). Em oposição ao discurso fundador da subjetividade negra no Brasil (SOUZA, 1993), dando corpo a uma posição à direita, para o atual presidente da Fundação Palmares, a escravização no tráfico transatlântico tem os próprios africanos como principais responsáveis, a ancestralidade do negro brasileiro relaciona-se a sua família, e não à África, e Zumbi não deveria ser herói nacional. Para Sérgio Camargo, em um de seus posts no Instagram, essas posições confrontam e denunciam as “faláncias, canalhices e mentiras da esquerda racialista brasileira”.

Ou seja, a luta para significar a história está na base dos processos de subjetivação em questão: do lugar da resistência ativa histórica no discurso fundador do movimento negro (que confronta o imaginário de passividade e docilidade das relações entre senhores e escravizados em discursos da brasilidade) e da participação ativa como algozes dos próprios negros no discurso em que se inscreve o presidente da Fundação Palmares. Daí derivam também as defesas do dia da consciência negra confrontado à proposta do “dia da consciência humana” e a recente defesa que Sérgio Camargo fez da mudança do nome da Fundação para Princesa Isabel. Em sua conta no Twitter, em 09 de janeiro de 2022, afirmou: “Não faz sentido homenagear Zumbi, um líder tirano e escravocrata”¹⁶.

Portanto, o discurso nacionalista dessa discursividade de direita defende a brasilidade “acima de tudo”, afirmando a nação indivisa, e provoca tensões mesmo nos discursos históricos da brasilidade ao negar a descendência africana, ou melhor, significá-la como passado a ser superado ou ainda (re)contado na versão do colonizador. O que vemos aí são processos de assimilação e apagamento/silenciamento/aniquilação na constituição do brasileiro “de bem”.

O que se coloca como efeito de sentido é que “o negro” nessas formulações, em um movimento contraditório, é reconhecido e negado como diferença. Em outras palavras, desde essa posição só pode ser enunciado quando sua diferença se dissolve na universalização da nação indivisa ou do “povo brasileiro”. As análises anteriores sustentam a interpretação de que o “negro como parte inseparável do povo brasileiro” significa a negação do racismo que tem os brancos como sujeitos, do racismo estrutural e dos negros em luta para transformar esse sistema (já que isso significaria tomar os brancos como inimigos, um simulacro da posição antagônica, que não se sustenta nos sentidos de Palmares como “democracia racial” com a convivência de brancos, negros e índios da formulação de Gonzalez).

¹⁶ Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/45613_sergio-camargo-volta-a-dizer-que-quer-mudar-o-nome-da-fundacao-palmares-para-princesa-isabel.html?msclkid=ceec95b4ab0311ec9222234d9f617ff5>. Acesso em: 23 mar 2022.

Aliado a isso, parece-nos que o porta-voz, inscrito em uma discursividade autoritária, não prevê a reversibilidade do dizer, ou seja, institui os negros e negras associados à luta histórica do movimento negro como objeto do seu dizer que não pode tomar a palavra para responder. Isso ocorre pelo modo como se produz no discurso a imagem dessas pessoas: elas não têm autonomia para falar. Por eles, através de suas palavras, a “esquerda”, grupo externo aos negros e negras, fala ao fazê-los fantoches sem agência, como na afirmação de que o “movimento negro é conjunto de escravos ideológicos da esquerda”¹⁷.

Supomos que se trate da repetição ou replicação de um fenômeno que historicamente acomete negros e negras escravizados: sua representação desde o olhar racista como destituídos de linguagem e de raciocínio próprios. A diferença reduzida ao medo e ao ódio, para além de impossibilitar qualquer debate, reproduz um discurso fundante do racismo: o de desumanização e de instituição do outro.

5 Considerações finais

O que analisamos no documento da Fundação Palmares em diálogo com postagens nas redes sociais de seu presidente e da própria instituição extrapola o que se poderia supor estar “encaixotado” ingenuamente como discursos especificamente relacionados à raça e às racialidades. Há mais nessa discussão. Por isso, interessa-nos o ponto de vista de analistas de discurso que compreendem que as lentes interseccionais, conforme propõe França (2017), e decoloniais devem nos servir à leitura de todas as discursividades pelo papel que têm classe, raça, sexualidade e gênero nos processos de constituição dos sujeitos e pelo modo como articulam-se em um sistema de exploração/opressão que marca nossa formação social.

Os embates entre sentidos que analisamos, nas relações que estabelecem com os discursos fundadores do Brasil e dos movimentos negros, constituem sujeitos. Nas complexas e contraditórias lutas pelos sentidos, a legitimidade do lugar de enunciação de negros brasileiros alinhados aos movimentos negros progressistas é questionada. Ao mesmo tempo, parte-se de suas conquistas – materializadas na própria existência da Fundação Palmares, com esse nome e com o machado de Xangô para representá-la visualmente – para dar credibilidade aos discursos da extrema direita que negam o racismo estrutural, reafirmando a meritocracia e o mito da democracia racial, que fazem do racismo um crime perfeito e servem para a manutenção dos privilégios brancos.

17 Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/16/movimento-negro-e-conjunto-de-escravos-diz-camargo.htm?msclkid=a644de58a56111ec84f6e03c8ad7af61>>. Acesso em 23 mar. 2022.

Em suma, problematizamos o que se tem chamado de lutas, ativismos e formas de opressão e propomos que as imbricadas relações de gênero-raça-classe sejam pensadas no âmago da constituição do sujeito do/no discurso na sua relação com o Estado brasileiro, cujos discursos fundadores remontam relações de colonização e de intersecção dessas formas de subjetivação de classe-raça-gênero.

Como defendemos ao longo do texto, o descrédito, o desmonte, o apagamento histórico, a invenção de um inimigo interno são marcas que constituem o modus operandi do discurso da extrema direita, discurso esse do qual a Fundação Palmares – enquanto instituição – parece estar tomada e sitiada através dos posicionamentos aos quais se alinha seu atual presidente. Um alinhamento, vale dizer, que desconstrói o que deveria ser a promoção e preservação dos valores culturais, sociais e econômicos da participação negra na formação da sociedade brasileira. A Fundação Palmares merece que se lute por ela. Em síntese, se a Fundação Palmares já não existe mais, não vive mais, cabe-nos a construção e reconstrução das trincheiras da resistência para dar corpo ao verso do poeta José Carlos Limeira: “Se Palmares não vive mais faremos Palmares de novo”.

FRANÇA, G.
CESTARI, M.
MODESTO, R.
*Foi Palmares
mesmo que você
disse?*

Referências

BRASIL, *Lei Federal nº 7.668 de 22 de agosto de 1988*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 agosto 1988.

CESTARI, Mariana. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise de Discurso. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; FERRARI, Ana Josefina. (Org.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência*. v. 2. Campinas: Pontes, 2017, p. 183- 203.

FIORIN, José Luiz. Operações enunciativas do discurso da extrema-direita. In: *Discurso & Sociedad*. v. 13, n. 3, 2019, p. 370-382.

FRANÇA, Glória. Sobre (e n)o corpo: o discurso do turismo sexual nos ambientes digital e off-line. In: *Redisco*. Vitória da Conquista, BA. v. 10, n. 2, 2016, p. 81-98.

FRANÇA, Glória. Por lentes de gênero e raça: análise de discursos sobre uma brasiliandade. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; FERRARI, Ana Josefina. (Org.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência* - v. 2. Campinas: Pontes, 2017, p. 81-98.

FRANÇA, Glória; CESTARI, Mariana; CHAVES, Tyara Veriato. O sexo em discurso na contemporaneidade: o fantasma do gênero e o acontecimento Golden Shower. In: *Crítica Cultural*. Critic, Palhoça, SC. v. 14, n. 2, jul./dez. 2019, p. 223-240.

107

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Retrato do acervo: a dominação marxista na Fundação Cultural Palmares 1988-2019*. Relatório Público nº 1. Editado pelo CNIRC - Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra: Fundação Cultural Palmares, 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. In: *Littera Online*. v. 9, n. 17, 2018, p. 124-145.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. In: *Revista da Abralin*, v. 20, n. 2, 20 jul. 2021, p. 1-19.

PAVEAU, Marie-Anne. Ce qui s'écrit dans les univers numériques: matières technolangagières et formes technodiscursives. In: *Itinéraires (en ligne)*, v. 1 (2024), 2015, p. 1-24.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emílio. *A linguagem fascista*. São Paulo: Editora Hedra, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, 1990, p. 07-24.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia, aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux, textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011, p. 107-130.

SILVEIRA, Juliana da. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter*. 2015. 210f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

SOUZA, Pedro de. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Lugares de enunciação e discurso. In: *Leitura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, Maceió, v. 23, p. 15-24, jan./jun, 1999.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Transformações da fala pública: do porta-voz autorizado aos tuítes do filho amado. Mesa-redonda “Nos limites do discurso”. Congresso *ABRALIN50*, da Associação Brasileira de Linguística. Maceió, maio de 2019.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. A vontade do povo. In: DELA-SILVA, Silmara; SAVEDRA, Mônica (Org.). *Estudos de Linguagem e Compromisso Social*. Campinas: Pontes, 2020, p.21-40.

ZOPPI-FONTANA, Mônica; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação: uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI FONTANA, Mônica; FERRARI, Ana Josefina. (Org.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência*. v. 2. Campinas: Pontes, 2017, p. 7-20.